[Recensão a] G. F. Sacarrão— A Biologia do Egoísmo

Autor(es): Pereira, Ana Leonor

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43847>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-8925_6_19

Accessed : 26-Apr-2023 16:25:31

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 6

REVOLTAS e REVOLUÇÕES

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1984

da Restauração deste Reino», podemos ver o interesse que desperta a sua leitura.

Fazemos votos para que as *Obras Completas de José Acúrsio das Neves* continuem pois a sair regularmente.

Isabel Nobre Vargues

G. F. Sacarrão — *A Biologia do Egoísmo*, Lisboa, Publicações Europa-América, s. d., 162 pp.

«A biologia dirá sempre o que se quiser que ela diga» (p. 105).

Na produção nacional científico-político-ideológica mais recente, destacamos esta obra de G. F. Sacarrão, professor catedrático de Zoologia e Antropologia na Faculdade de Ciências da Universidade Clássica de Lisboa.

Trata-se de um ensaio crítico de fácil leitura sobre a sociobiologia, suas ambições epistemológicas e prolongamentos ético-políticos — tema largamente debatido e divulgado desde os finais da década de 70 que continua a chamar a atenção dos intelectuais interessados pelos bastidores teórico-sociológicos das práticas e projectos políticos.

Em 1975 Edward O. Wilson publicou uma síntese monumental sobre as bases biológicas das sociedades animais (e humanas) intitulada *Sociobiology. The new synthesis*. Constituída na base dos progressos da Genética das populações, da Ecologia evolutiva e da Etologia, esta nova disciplina tem por objecto o comportamento do animal (e do homem) em sociedade. Dos componentes em jogo, o genético ou hereditário, o ecológico ou ambiental e o etológico ou comportamental, é o último que ocupa o lugar central nas investigações sociobiológicas.

Na perspectiva desta disciplina o princípio determinante do comportamento do qual resulta a estrutura e funcionamento das sociedades animais (e humanas) é o «egoísmo genético»: «tudo o que o organismo faz visa a propagação dos seus próprios genes, em fazer com que os 'melhores' deles passem à geração seguinte» (p. 31). O indivíduo ou o organismo é o «meio» de que os genes se servem para cumprir esta finalidade; nele, os genes animados duma força vital lutam entre si e dessa «corrida para o sucesso» resulta ne-

cessariamente a vitória dos «melhores» isto é, daqueles que têm a mais elevada «aptidão darwiniana».

Sacarrão não nega o valor científico deste neo-darwinismo, quando circunscrito às sociedades animais, mas também não o afirma em absoluto. Por um lado, a identificação sociobiológica da «selecção natural» com o «egoísmo genético» é posta em causa pelo autor: «Será legítimo passar a selecção natural, que tem sido considerada como acção de forças exteriores sobre o organismo (orientadoras da sua reprodução nesta ou naquela direcção), para o interior dos organismos (por este facto relegados para meros veículos no processo?)» (p. 67). Acrescentemos: Será seguro fundar uma ciência na base dum princípio — selecção natural — que é, presentemente, objecto de justificadas reservas epistemológicas, não constituindo matéria pacífica entre biólogos?

Por outro lado, Sacarrão observa, justamente, que a presença no interior do discurso sociobiológico de termos «próprios de uma economia de mercado» (p. 77) tais como «investimento», «maximização», «sucesso reprodutor», «competição», «custos», «benefícios», «desonestidade», genes «superiores» e «inferiores», comprometem a cientificidade sociobiológica. O uso destas noções, ainda que em sentido metafórico, não é inocente. «Como acima disse, trata-se de uma linguagem própria do sistema económico capitalista, com os respectivos lucros, custos e investimentos, terminologia ao serviço de uma biologia competitiva e empresarial, toda dirigida para o benefício e o sucesso» (p. 77).

Finalmente, Sacarrão, afirma, de modo sumário, que resultados recentes da Genética Molecular «contrariam frontalmente» (p. 69) o «egoísmo genético». É pena que o autor não desenvolva esta réplica científica às teses em causa.

Como seria de prever, porque é longa a tradição, desde um Spencer a um K. Lorenz, R. Ardrey e outros, este neo-darwinismo prolongou-se num neo-darwinismo social avasador de todo o saber — tentação algo diabólica à qual Wilson não resistiu: «Let us now consider man in the free spirit of natural history, as though we were zoologists from another planet completing a catalog of social species on Earth. In this macroscopic view the humanities and social sciences shrink to specialized branches of biology; history, biography, and fiction are the research protocols of human ethology; and anthropology and sociology together constitute the sociobiology of a single primate species», (primeiro parágrafo do capítulo da obra citada, intitulado *Man: From Sociobiology to Sociology*). Em obras posteriores, sobretudo em *On Human Nature* (1978), o cientista reforça e desenvolve a

interpretação sociobiológica da condição humana, apresentada em 1975.

Partindo do princípio da continuidade entre a ordem natural e a ordem social, entre animalidade e humanidade a sociobiologia aplica ao Homem os esquemas genéticos, ecológicos e etológicos resultantes do estudo das sociedades animais. Esta nova zoologização do Homem significa que o «egoísmo genético» é a chave da História a todos os seus níveis, demográfico, económico, social, cultural, político, institucional. Assim, a primeira razão de ser e finalidade das práticas humanas, sincrónica e diacronicamente consideradas, seria perpetuar e propagar os «melhores» genes do ponto de vista da selecção e da adaptação.

É este imperialismo determinista da «selecção natural» que o autor interroga. «A questão fundamental que, a meu ver, se põe afinal é a seguinte: estará o homem pré-programado, prisioneiro dos próprios genes, agindo egoisticamente no sentido de promover a sua máxima representatividade nas gerações seguintes, ou haverá a esperança da liberdade, escapando-se ao condicionamento biológico, não no sentido de lhe não sofrer a influência que possa ter, mas de o recusar, de agir contra ele, de o vencer pelo poder da consciência e da razão do homem, distanciando-se assim dos outros animais?» (p. 26).

Nada se sabe, com segurança, acerca do determinismo biológico das organizações sociais humanas, o que não quer dizer que ele não seja unanimemente aceite. Só que não o é na forma de «genes egoístas». A sociobiologia na sua ânsia de tudo explicar inventa genes «à medida das necessidades!» (p. 23); genes «para o egoísmo, para a malevolência, para a agressividade, para o altruísmo, para o conformismo social, para a xenofobia, para a homossexualidade, para as diferenças entre as classes sociais, sem esquecer, o domínio do homem sobre a mulher, etc.» (p. 23). O século XIX também tinha descoberto as bossas do amor à propriedade, da manha, e outras similares....

Resumindo: julgamos, como o autor, ser oportuno denunciar o actual cientismo sociobiologista. Em primeiro lugar a sua ambição epistemológica não conhece limites. Basta uma leitura superficial para constatá-lo. Com razão escreve o prof. de Zoologia: «As humanidades, a sabedoria dos clássicos, a moral, as religiões, as filosofias, deverão ser suprimidas ou reinterpretadas à luz da sociobiologia, e muito simplesmente substituídas por uma filosofia biológica redentora (um materialismo científico não marxista) muito mais extremista ainda que os desenvolvimentos de Jacques Monod, de K. Lo-

renz, Desmond Morris, R. Ardrey e tantos outros, deixando na sombra o próprio Darwin ou os darwinistas clássicos, como Th. Huxley e E. Haeckel, que nunca pensaram, de facto, que a biologia se transformasse na ciência e na filosofia máximas, que tudo canibaliza, e que o resto, ou seja, todas as heranças do saber e da cultura humanas, se transformassem como que em capítulos da sociobiologia» (p. 135).

Em segundo lugar é visível o envolvimento, voluntário ou não, do reducionismo biologista em práticas e projectos político-culturais de cariz anti-humanista, conformista e racista. A obra de Alain de Benoist, *Vu de Droite* é, a este propósito, elucidativa, ao tomar o partido da sociobiologia contra os seus adversários.

Do que fica dito decorre, claramente, que a sociobiologia pode constituir o fundamento (activo ou passivo) duma engenharia genética. Wilson nega-o. Mas os seus adversários acusam-no de reserva táctica nesta delicada matéria. Sacarrão afirma mesmo que «.... a esperança final dos sociobiologistas mais puros como Wilson é poder transformar os homens em insectos ou em símios dóceis» (p. 135). Pela nossa parte, não cremos que algum biólogo, em seu estado normal, possa desejar uma tal metamorfose.

Ana Leonor Pereira